

## Sob a égide do cavaleiro errante

Tania Franco Carvalhal  
(UFRGS)

Vinte anos depois de sua fundação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, a Associação Brasileira de Literatura Comparada consolidou-se plenamente como entidade capaz de reunir estudiosos de Literatura e de áreas afins, constituindo-se em um pólo convergente de inquietudes e discussões intelectuais não só no Brasil como em outros países da América Latina. A partir da ABRALIC, o movimento associativo ganhou corpo na Argentina, no Uruguai e no Peru e está por alcançar outras regiões sob o estímulo do Comitê de Estudos Latino-americanos da Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC/ICLA) que tem entre seus objetivos centrais a constituição de novas associações na área que facilitem os contatos entre estudiosos e o intercâmbio intelectual entre eles.

A presença de comparatistas brasileiros, sua contribuição a estudos em dimensão mundial têm repercutido positivamente. A importante *Revue de Littérature Comparée*, fundada em 1921, dedicará um número especial ao Brasil neste ano em que nosso país é homenageado na França. Também Claudio Guillén, no prefácio à recente reedição de seu livro *Entre lo uno y lo diverso* (2005), ao aludir à expansão do comparatismo literário em diferentes regiões – na Índia, em Taiwan, Hong Kong, China continental e há muito tempo no Japão – além da América do Sul, assinala que, nesse último contexto, “é relevante o papel do Brasil”<sup>1</sup>.

Há, pois, alguns aspectos a considerar a partir dessas constatações. O primeiro é de que a criação de uma Associação como a Abralic, cuja vitalidade é crescente, respondeu não só à necessidade cultural de um momento dado, mas continua a atender aos interesses de seus associados. O segundo, em decorrência do que se aponta, é que a Abralic, para entender o comparatismo na variedade de suas práticas e no am-

<sup>1</sup> Guillén, Claudio. *Entre lo uno y lo diverso. Introducción a la literatura comparada*. Barcelona: Ed. Tusquets, 2005. p.13.

plo campo interdisciplinar a que corresponde, acolheu diversos especialistas, não só de literatura mas de áreas afins, favorecendo o desenvolvimento de múltiplas orientações teórico-críticas. Isso é de importância capital, pois seus congressos, a cada dois anos, se converteram em grandes encontros nos quais se manifestam essas orientações, desenhando o quadro de tendências críticas mais recentes. Desse modo, os *Anais* desses eventos se convertem em documento indispensável para se compreender e analisar o panorama intelectual no país. É, portanto, em suas publicações que se há de resgatar as diferentes indagações que dominaram a cena intelectual nesses vinte anos e a evolução do pensamento no período. Eles nos revelam que os trabalhos apresentados indicam a pluralidade de orientações que caracteriza hoje os estudos comparatistas. Em lugar de significar atomização ou instabilidade da disciplina, tal variedade é um sintoma de vitalidade e um desafio permanente à definição do comparatismo.

Tal fato já seria suficiente para justificar a existência e o crescimento da Abralic. No entanto, além de constituir-se um espaço institucional, simbólico e político, como cabe a uma associação desse gênero, enquanto conagraçamento de intelectuais, é local privilegiado para o exercício da crítica e da livre expressão. Tenho perguntado, desde o VIII Congresso da Associação, realizado em Belo Horizonte, sobre a natureza do institucional como mediação e a função de associações como a Abralic no ambiente cultural do país. Ou seja, a da sua utilidade, já que ela serve para assegurar a regularidade de funcionamento da literatura comparada como prática crítica e campo de ensino e de investigação. Além disso, convém acentuar o papel da entidade como instrumento “legitimador” da prática comparatista, isto é, como meio de obtenção do “reconhecimento institucional” da disciplina.

Naquela ocasião, ressaltai também que as práticas que organizam a instituição literária cooperam para estabelecer o reconhecimento crítico e conferem legitimidade aos produtos da instituição na medida em que os identificam e discutem os limites dos estudos e os parâmetros para sua avaliação. É portanto no âmbito dos congressos das associações que se expressam as tendências teórico-metodológicas de cada momento na área, que se manifestam os interesses sobre temas e *corpus* como encontro de inquietações intelectuais que não se restringem a uma literatura mas que as ultrapassam e relacionam.

Sabe-se que a natureza “mediadora” das associações não funciona apenas em uma única direção. Como espaço de legitimação, uma

associação não é somente a mediação entre as determinações sociais que operam sobre a literatura, mas também o espaço no qual a literatura se conforma segundo a lógica das mediações. Em outras palavras, significa dizer que esse espaço só se compreende integralmente através da análise de sua situação em relação a outros campos sociais. Nesse contexto, as associações estabelecem vínculos dos pesquisadores entre si, favorecendo a circulação científica e os intercâmbios, relacionam as instituições a que pertencem e se articulam ainda com outras associações similares que atuam na mesma esfera de ação. Suas atividades, portanto, não se restringem ao domínio acadêmico, mas têm função política, de natureza integradora e de interação social.

Assim nunca é demais reafirmar que a instituição literária é o campo no qual se realiza toda e qualquer experiência literária e, por extensão, cultural. Abarca, nesse sentido, duas práticas inseparáveis que cooperam para criar uma tensão nos modos de produção da literatura. De um lado, as práticas de natureza organizacional reúnem todos os materiais da infra-estrutura técnica e de organização da instituição, de outro, as práticas criativas e imaginativas reúnem os materiais do fenômeno estético que se transmitiram em milênios – os códigos, normas, gêneros, temas, estilos narrativos e todas as formas artísticas que permitem a expressão do conteúdo literário. As associações, por sua vez, se estruturam de forma a aglutinar diversas orientações de estudos que adotam como recurso sistemático o método comparativo, como o comprovam os estudos reunidos nos volumes *Literatura Comparada no Mundo: Questões e Métodos*<sup>2</sup>, publicado em 1997, e *Comparative Literature. Issues and Methods*<sup>3</sup>, em 2000.

A informação que obtemos sobre contextos que nos são em geral desconhecidos comprova, mais uma vez, que a noção do literário, em sua conformação e em sua difusão, varia consideravelmente segundo o lugar e a cultura e, portanto, cabe às associações responder a essas variantes e facilitar o conhecimento do Outro, próximo ou distante.

Em se tratando do contexto latino-americano é natural que no âmbito da função política que as associações exercem nos venha à memória a reflexão de Ángel Rama sobre as “elites culturais” no antológico ensaio “Dez problemas para o romancista latino-americano”<sup>4</sup>. Ali o crítico uruguaio ocupa-se com a incorporação social do escritor feita através do que ele designa como “confrarias” ou grupos que o inserem na história cultural, chamando a atenção para a importância “do conjunto dos intelectuais como grupo social”.

<sup>2</sup> Carvalhal, Tania Franco. [Org.] *Literatura comparada no Mundo: Questões e Métodos/Literatura Comparada en el Mundo: Cuestiones y Métodos*. Porto Alegre, L&-PM, ICLA, Fundação Vitac, 1997. Há também uma edição dos mesmos textos em francês/inglês [1997].

<sup>3</sup> Bloch de Behar, Lisa. [Org.] *Comparative Literature. Issues and Methods/La littérature comparée. Questions et Méthodes*. Montevideo, ICLA, 2000.

<sup>4</sup> Rama, Ángel. In: *Ángel Rama. Literatura e Cultura na América Latina*. [Flávio Aguiar & Sandra Guardini T. Vasconcelos, Orgs.]. São Paulo, Edusp, 2001, p.47-110.

Relacionada com a formação de público, processo que rompe com o círculo restrito evitando que os próprios intelectuais sejam simultaneamente produtores e consumidores da criação literária, a constituição de movimentos associativos vai colaborar para que essa ampliação se efetive.

A reflexão sobre a função das associações encontra, então, seus fundamentos menos no campo literário do que nos da antropologia ou da sociologia, porque trata sobretudo de relações sociais que nos levam a indagar sobre o sentido de nossas práticas em tempos e contextos determinados. Dito de outro modo, trata-se de entender que as práticas literárias e culturais têm na esfera social seu lugar específico de exercício e formas particulares de organização.

No discurso de abertura do Colóquio “À partir de Venise: Héritages, Passages, Horizons – Cinquante Ans de L’AILC”, realizado na Universidade Ca’ Foscari daquela cidade, de 22 a 25 de setembro de 2005, procurei igualmente recuperar o sentido da existência de associações literárias em um mundo globalizado. O momento era oportuno, pois comemorava-se o Jubileu da Associação no mesmo local que acolhera o seu primeiro congresso em 1955. O confronto entre o programa do encontro inicial e o deste ano tornava claro as modificações por que passou a literatura comparada nesse período. Se antes havia uma concentração de estudos no âmbito europeu, atualmente, o comparatismo atinge expressivo número de regiões e sobretudo a programação do evento procurou questionar as grandes linhas do comparatismo através de três mesas-redondas institucionais. A primeira delas centrou-se na literatura comparada e suas transformações; a segunda enfatizou os estudos regionais e interculturais; e a terceira, as perspectivas futuras da literatura comparada. Paralelamente, houve sessões temáticas que examinaram as relações entre literatura e cinema, questões de gênero, literatura e tradução, literatura e ciência, identidade/alteridade, cultural/transcultural, problemas de poética. Enfim, procurou-se analisar a literatura comparada em transição, seus métodos, aproximações e conceitos que contribuíram para a disciplina consolidar-se e evoluir em estreita relação com outras formas de estudo e de compreensão do literário.

Percebe-se então que a importância do Colóquio não estava apenas no resgate de um lugar da memória, o do primeiro congresso, mas na possibilidade de retomar o passado para programar o

futuro. O Colóquio Veneza 2005 foi uma etapa significativa na construção da memória coletiva.

Daí a necessidade de reexaminar a evolução dos conceitos e a articulação da literatura comparada com outras disciplinas literárias ou não. Um ponto central de nossa reflexão nos dias atuais é, seguramente, o da renovação dos métodos comparativos diante das modificações introduzidas nos estudos literários nos últimos cinquenta anos.

De um lado, as novas configurações de mundialização levam a diferentes concepções de literatura universal, integrando os conceitos de local, nacional, regional, marginal, institucional e mundial. De outro, as contribuições da teoria literária, sobretudo o desenvolvimento da noção de texto e de sua produção, modificam nossa maneira de considerar o literário e seus procedimentos de construção. Além disso, as noções de difusão, circulação e recepção das literaturas nos permitem perceber de forma diferente os processos de apropriação e de transformação que estão na base desses movimentos. Se o reconhecimento do Outro se torna um dos fatos mais significativos nas relações sociais e humanas, também os estudos da tradução e das práticas mediadoras ganham em importância, pois facilitam os conhecimentos e os intercâmbios.

### A construção de uma memória compartilhada

Se pensarmos na história de nossa disciplina, faz-se necessário sublinhar que ela adquiriu um funcionamento sistemático e tornou-se muito mais do que uma atividade acadêmica discreta e por vezes marginal. Hoje, a literatura comparada tem seu espaço próprio no mundo universitário de vários países e agrada-nos pensar que as associações literárias, como a Abralic e a AILC/ICLA, tiveram um papel fundamental para o seu reconhecimento institucional. O movimento associativo, certamente, ajudou o funcionamento da literatura comparada em sua condição de prática crítica e de instrumento legitimador, o que facilitou a difusão da disciplina.

Graças à Abralic, a associações similares e à AILC/ICLA se favorecem os contatos, consolidam-se trabalhos em conjunto e efetuam-se trocas de conhecimento, constituindo-se uma comunidade que se organiza e que atua de acordo com aquilo a que a cada etapa se propõe.

Para que servem então as associações literárias, é uma ques-

tão que nos acompanha ao longo do tempo. Sempre cabe examinar como essas associações podem colaborar ao desenvolvimento do campo de estudos e ao estabelecimento de políticas culturais que favoreçam sua expansão. Como podem elas servir ao progresso desse domínio científico?

Cada vez mais se impõe o interesse em realizar uma espécie de “história comparativa das associações nacionais de literatura comparada” na qual se examine, em profundidade, a efetiva contribuição que elas têm dado para o desenvolvimento da área e o estabelecimento de políticas culturais que favoreçam a sua expansão. Não estaríamos longe do que propõe Pierre Bourdieu para as disciplinas de ciências sociais em “La cause de la science. Comment l’histoire sociale des sciences sociales peut servir le progrès de ces sciences”<sup>5</sup>.

Igualmente, se torna relevante para a construção da memória de nossa atuação no tempo a constituição de acervos, com documentação digitalizada, onde seja possível recuperar os percursos associativos. No caso da Abralic, a história da entidade já está sendo resguardada através do Núcleo de Memória e Documentação Abralic, constituído na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, enquanto a AILC/ICLA tem seus arquivos sediados na Stanford University, nos Estados Unidos.

### A natureza “errante” do comparatismo

O XVII Congresso da AILC/ICLA, realizado em Hong Kong, em agosto de 2004, cujo tema foi “At the Edge: Borders, Frontiers, Initiatives”, representou a segunda vez que a entidade se fez presente na Ásia, sendo a primeira em Tóquio em 1991. Nada melhor do que esta longa travessia fora dos locais habituais para que fosse evocado, na cerimônia de transição de Diretoria, simbolicamente, a personagem de D. Quixote, de Miguel de Cervantes, da qual se festejava o 4º centenário<sup>6</sup>. Procurou-se celebrar a natureza “errante” do cavaleiro que concentra a idéia de uma vida em transformação com uma associação literária que se tem construído nos deslocamentos. A busca infatigável do sonho e a luta pela sua realização, característica do livro de Cervantes, justificam o seu emprego para ilustrar a mobilidade da Associação.

Em Veneza, com intuito diferente, o de assinalar as transformações ocorridas no tempo e no espaço, evoquei um outro cavalei-

<sup>5</sup> Bourdieu, Pierre. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, 106-107, Paris, mars, 1995, p.3-10.

<sup>6</sup> CARVALHAL, Tania F. “Le caractère errant et multiple de L’AILC/The ICLA’s Diversity and Its Itinerant Character”. In: *ICLA BULLETIN*, Brigham Young University, v. XXII, n. 2, p. 15-24, 2004

ro, *Il cavaliere inesistente*, de Ítalo Calvino (1959), herdeiro do anterior, com uma particularidade: a de não existir. A partir dessa situação irreal, Calvino constrói um romance de cavalaria ao avesso. Nele a epopéia cede lugar à comédia burlesca. Os mitos de cavalaria se decompõem e as tropas do Imperador Carlos Magno se transformam em uma *Armata Brancaleone*. É nesse aspecto que o relato de Calvino encontra o de Cervantes, que criou um mito contra os mitos e, como observou Augusto Meyer, “um corretor de mitos”.

O próximo congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada ocorrerá, em 2007, no Rio de Janeiro, com o tema geral “Beyond Binarisms: Discontinuities and Displacement in Comparative Literature”. Pela primeira vez, desloca-se a Associação para a América do Sul, dando continuidade a sua errância na valorização de outros espaços e no reconhecimento do trabalho comparatista que vem sendo realizado pela Abralic nos últimos 20 anos.

Será certamente a oportunidade de evocar um outro cavaleiro, também aludido no romance de Calvino, o Riobaldo, de *Grande Sertão: Veredas*. No texto italiano, a figura de Rambaldo remete à personagem de João Guimarães Rosa não apenas no parentesco do nome, mas no fato de que todos os dois se apaixonam por um outro cavaleiro que somente ao final desvendará ser do sexo feminino.

Do mesmo modo como as associações se articulam e favorecem as aproximações, o comparatismo contrasta os textos e as personagens em uma reflexão que permite a releitura dos mitos e das lendas, dos gêneros e da idéia de romance até o ponto de se interrogar sobre o que mudou no mundo e nas relações humanas para que um cavaleiro passe de uma presença que se impõe a sua própria invisibilidade.

Sob a égide do cavaleiro errante, em suas múltiplas variações, a literatura comparada vive a aventura dos tempos e enfrenta, na formulação de perguntas, a sua permanente validação.

